

Se Nietzsche Fosse um Narval

**O que a INTELIGÊNCIA ANIMAL
revela sobre A ESTUPIDEZ HUMANA**

JUSTIN GREGG



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2023

*Dedico este livro a Ranke de Vries:
minha parceira de vida, esposa e cúmplice favorita.*

AMOSTRA

S U M Á R I O



Agradecimentos *xi*

Sobre o autor *xv*

Introdução *1*

CAPÍTULO 1

Os Especialistas em *Por quê*

Uma história de chapéus, apostas e traseiros de frango 15

CAPÍTULO 2

Para Ser Sincero

O poder e as armadilhas da mentira 51

CAPÍTULO 3

Sabedoria da Morte

A desvantagem de conhecer o futuro 83

CAPÍTULO 4

O Albatroz Gay e o Inconveniente Fardo da Homofobia

O problema da moralidade humana 111

CAPÍTULO 5

O Mistério da Abelha Feliz	
<i>É hora de falar sobre a palavra com “c”</i>	145

CAPÍTULO 6

Miopia Prognóstica	
<i>Nossa obtusa visão do futuro</i>	177

CAPÍTULO 7

Excepcionalismo Humano	
<i>Estamos ganhando?</i>	207
<i>Epílogo: Por que salvar uma lesma?</i>	239

Notas 245

Índice 267

AMOSTRA

“Animais jamais seriam capazes de agir assim. É preciso ser um ser humano para ser tão estúpido.”

TERRY PRATCHETT, *PYRAMIDS* (DISCWORLD, #7)

AMOSTRA

I N T R O D U Ç Ã O



Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844–1900) tinha um bigode magnífico e uma relação peculiar com os animais. Por um lado, ele tinha pena deles porque, como escreveu em *Considerações Extemporâneas*, eles “se agarram à vida, cega e loucamente, sem outro objetivo... com a avidez deturpada dos tolos”.¹ Ele achava que os animais passam pela vida sem saber o que estão fazendo ou por quê. E pior, acreditava que eles não tinham inteligência para experimentar prazer ou sofrimento de modo tão profundo quanto nós humanos.² Para um filósofo existencial como Nietzsche, isso era terrivelmente enfadonho; encontrar significado no sofrimento era o mote da obra de Nietzsche. Mas ele também invejava a falta de angústia dos animais e escreveu:

Pense nas vacas pastando despreocupadamente: elas não sabem o que significa ontem ou hoje; elas saltitam, comem, descansam, digerem, saltitam novamente e repetem isso dia após dia, de manhã até a noite, acorrentadas ao momento e a seu prazer ou desagrado; portanto, não sentem melancolia nem té-

dio. É algo difícil de se testemunhar como homem, pois, embora este pense ser melhor do que os animais, por ser um humano, ele não consegue evitar sentir inveja da felicidade deles.³

Nietzsche desejava ser tão estúpido quanto uma vaca, para não ter que contemplar a existência, e se apiedava das vacas por serem estúpidas demais para contemplá-la. Esse é o tipo de dissonância cognitiva que gera grandes ideias. As contribuições de Nietzsche para a filosofia incluíam desafiar a natureza da verdade e da moralidade, declarar que Deus estava morto e lidar com os problemas da insignificância e do niilismo. Mas essa linha de estudo cobrou um preço terrível. Em sua vida pessoal, ele era caótico, o exemplo perfeito de que profundidade demais pode, literalmente, quebrar seu cérebro.

Quando criança, Nietzsche tinha dores de cabeça debilitantes que o deixavam incapacitado por dias a fio.⁴ No auge de sua produção acadêmica, ele sofria de depressão persistente, alucinações e pensamentos suicidas. Em 1883, aos 39 anos, ele se declarou “louco” — neste mesmo ano, foi publicado seu livro mais famoso, *Assim Falou Zaratustra*. Seu estado mental continuou a deteriorar mesmo quando sua produção filosófica disparou. Em 1888, Nietzsche alugou um pequeno apartamento no centro de Turim de seu amigo Davide Fino. Naquele mesmo ano, apesar de estar em meio a uma crise de saúde mental, ele escreveu três livros.⁵ Uma noite, Fino olhou pelo buraco da fechadura do apartamento e encontrou Nietzsche “gritando, pulando e dançando pela sala, completamente nu, no que parecia uma recriação humana de uma orgia dionisíaca”.⁶ Ele ficava acordado a noite toda, martelando músicas dissonantes com os cotovelos

no piano enquanto berrava as letras desconexas das óperas de Wagner. Ele era um gênio criativo, mas claramente não era um homem são. Além de ser um péssimo vizinho.

Dada sua preocupação com a natureza animal, talvez seja apropriado que tenha sido um encontro com um cavalo que fez com que Nietzsche sofresse um colapso mental definitivo, do qual nunca se recuperou. Em 3 de janeiro de 1889, Nietzsche estava caminhando pela Piazza Carlo Alberto, em Turim, quando viu um cocheiro chicoteando seu cavalo. Desolado, ele começou a chorar, jogou os braços ao redor do pescoço do animal e desabou na rua. Fino, que trabalhava em uma banca de jornais próxima, o encontrou e o conduziu de volta ao apartamento.⁷ O pobre filósofo permaneceu em estado catatônico por alguns dias antes de ser levado para um hospital psiquiátrico em Basileia, Suíça. Ele nunca mais recuperou suas faculdades mentais.

O cavalo de Turim, ao que parece, foi o golpe final no frágil estado mental de Nietzsche.⁸

Sempre houve muita especulação sobre as causas da doença mental de Nietzsche, que se deteriorou até a completa demência, antes de sua morte. Pode ter sido uma infecção sifilítica crônica, capaz de corroer o cérebro, ou uma doença vascular (CADASIL — arteriopatia cerebral autossômica dominante com infartos subcorticais e leucoencefalopatia) que causa diversos sintomas neurológicos, como a lenta atrofia e morte do tecido cerebral.⁹ Qualquer que seja a causa médica, não há dúvida de que os problemas psiquiátricos de Nietzsche foram agravados por sua genialidade intelectual, o que o estimulou a buscar significado, beleza e verdade no sofrimento em detrimento da sanidade.

Teria sido a inteligência de Nietzsche sua algoz? Se olharmos para a inteligência sob uma perspectiva evolutiva, temos todas as razões para acreditar que o pensamento complexo, em todas as formas no reino animal, é, muitas vezes, um fardo. Se há uma lição que podemos aprender com a vida torturada de Friedrich Wilhelm Nietzsche é que pensar demais não é necessariamente benéfico para ninguém.

E se Nietzsche tivesse sido um animal mais simples, incapaz de pensar com tanta profundidade sobre a natureza da existência, como o cavalo de Turim ou uma das vacas de que ele tinha tanta pena e inveja? Ou mesmo um narval, um de meus mamíferos marinhos favoritos? O contrassenso de um narval vivenciar uma crise existencial é a chave para entender o que há de errado no pensamento humano e o que há de certo no pensamento animal. Para que os narvais sofram um surto psicótico semelhante ao de Nietzsche, eles precisariam ter um nível sofisticado de consciência da própria existência; precisariam saber que são mortais — destinados a morrer um dia em um futuro não tão distante. Mas as evidências de que os narvais ou quaisquer outros animais, além dos humanos, têm capacidade intelectual para conceitualizar a própria mortalidade são, como veremos neste livro, quase nulas. E isso, ao que parece, é uma coisa boa.

O que é inteligência?

Há um enigmático abismo entre a forma como os humanos entendem e experimentam o mundo e a forma como todos os outros animais o fazem. Nunca houve dúvida de que há algo de diferente acontecendo em nosso crânio e não no crânio dos narvais. Podemos enviar robôs para Marte. Os narvais não.

Podemos escrever sinfonias. Os narvais não. Podemos entender o significado da morte. Os narvais não. Seja o que for que nosso cérebro faça e que resulte nesses milagres claramente é resultado daquilo que chamamos de *inteligência*.

Infelizmente, apesar de nossa total confiança no excepcionalismo da inteligência humana, ninguém de fato tem ideia do que é inteligência. Isso não é apenas uma afirmação superficial para dizer que não temos uma boa definição prática. Quero dizer que não temos certeza se a inteligência existe como um conceito quantificável.

Considere o campo da inteligência artificial (IA). É nossa tentativa de criar softwares de computador ou sistemas robóticos que são, como o nome indica, inteligentes. Mas os pesquisadores de IA não chegaram a um consenso sobre como definir o que eles estão tão interessados em criar. Em uma pesquisa recente com 567 especialistas líderes na área de IA, uma pequena maioria (58,6%) concordou que a definição de inteligência de Pei Wang, um pesquisador de IA, provavelmente era a melhor:¹⁰

A essência da inteligência é o princípio de se adaptar ao meio ambiente diante de conhecimento e recursos insuficientes. Consequentemente, um sistema inteligente deve confiar na capacidade de processamento finito, trabalhar em tempo real, estar aberto a realizar tarefas inesperadas e aprender com essa experiência. Essa definição prática interpreta a “inteligência” como uma forma de “racionalidade relativa”.¹¹

Em outras palavras, 41,4% dos cientistas de IA não acham que a inteligência seja isso. Em uma edição especial do *Journal of Artificial General Intelligence*, dezenas de especialistas tiveram a chance de comentar a definição de Wang. Em uma reviravolta totalmente previsível, os editores concluíram que “se o leitor estava esperando um consenso sobre a definição de IA, receamos ter que desapontá-los”.¹² Não há, e nunca haverá, um consenso sobre o que é inteligência para todo um campo da ciência focado exclusivamente em criá-la. O que é uma situação muito ridícula.

A propósito, os psicólogos não estão se saindo melhor nessa tarefa. A história da definição da inteligência como uma propriedade única da mente humana é confusa. O psicólogo inglês do século XX Charles Edward Spearman propôs a ideia do fator de inteligência geral (o fator *g*) como uma maneira de explicar por que as crianças que eram boas em determinado tipo de teste psicométrico também tendiam a ser boas em outros tipos de testes psicométricos.¹³ Segundo sua teoria, deve haver uma propriedade quantificável da mente humana que algumas pessoas têm mais do que outras. Esse é o tipo de coisa que os testes de aptidão escolar ou de QI revelam. Ao aplicar esses tipos de testes a pessoas em todo o mundo, não importa qual seja a formação cultural delas, de fato descobrimos que algumas se saem melhor do que outras em todos os aspectos do teste. Mas não há um consenso quanto a essas diferenças de desempenho — se elas se devem a uma única propriedade da mente, o fator *g*, responsável pelo pensamento, ou se o fator *g* é apenas uma representação usada para descrever o desempenho coletivo de um enorme subconjunto de capacidades cognitivas processadas no cérebro. Será que cada uma dessas capacidades cognitivas trabalha de forma independente e sua forte correlação se dá por mero acaso, ou

existe algum tipo de pozinho mágico de inteligência que se espalha por todos os sistemas cognitivos, fazendo com que tudo funcione melhor? Ninguém sabe. No cerne do estudo da inteligência na mente humana impera toda essa confusão sobre de que raios estamos falando.

Do outro lado, temos os animais. Se quiser ressaltar a natureza fugidia da inteligência como um conceito, basta pedir a um pesquisador de comportamento animal que explique por que os corvos são mais inteligentes do que os pombos. A maioria dos pesquisadores responde mais ou menos isto: “Bem, não podemos comparar a inteligência de diferentes espécies dessa forma.” Que seria o mesmo que dizer: “A pergunta não faz sentido, porque ninguém sabe o que diabos é inteligência ou como medi-la.”

No entanto, se você quiser a prova definitiva de que a discussão em torno da inteligência é complexa, entre a fronteira do ridículo e do impossível, pense no SETI — acrônimo em inglês para *busca por inteligência extraterrestre*. É um movimento inspirado em um artigo publicado na *Nature* em 1959 por Philip Morrison e Giuseppe Cocconi — dois cientistas de Cornell que sugeriram que, se civilizações alienígenas estivessem tentando se comunicar, provavelmente o fariam por meio de ondas de rádio. Diversos cientistas se reuniram no Observatório de Green Bank, na Virgínia Ocidental, em novembro de 1960, em torno dessa discussão, e foi onde o radioastrônomo Frank Drake apresentou sua famosa equação de Drake, uma estimativa quanto ao número de civilizações extraterrestres existentes na Via Láctea que eram inteligentes o suficiente para gerar ondas de rádio. A equação em si está repleta de fatores fruto de pura estimativa (ou seja, sem qualquer base sólida), incluindo o número médio

de planetas capazes de suportar a vida e a porcentagem desses planetas que poderiam ter desenvolvido vida inteligente.

O problema do SETI e da equação de Drake é que eles nem sequer se preocupam em fornecer uma definição do que é inteligência. Há uma suposição de que todos devemos saber o que é: aquilo que resulta na habilidade de uma criatura de elaborar sinais de rádio. Com base nessa definição tácita, os seres humanos não eram inteligentes, até Marconi patentear o rádio, em 1896. E provavelmente deixaremos de ser inteligentes aqui a um século ou mais, quando toda a nossa comunicação for feita por transmissão óptica em vez de rádio. Essa tolice é a razão pela qual Philip Morrison sempre odiou o termo *busca por inteligência extraterrestre*, afirmando: “O termo SETI nunca me agradou, porque, de alguma forma, deprecia o esforço. Não era a inteligência que conseguíamos detectar; eram as comunicações. Sim, elas indicariam inteligência, mas isso é tão óbvio que é melhor falar sobre receber sinais.”¹⁴

O que pesquisadores de IA, psicólogos humanos, pesquisadores de cognição animal e cientistas do projeto SETI têm em comum é a crença de que a inteligência é um fenômeno quantificável sem ter um método acordado para tal. Todos nós deveríamos reconhecê-la quando a vemos. Ondas de rádio alienígenas? Sim, isso é inteligência. Corvos usando uma vara para pescar formigas de um tronco? Sim, isso é inteligência. O tenente comandante Data compondo um poema para seu amado gato de estimação? Sim, isso certamente é inteligência. Essa abordagem “reconheço quando vejo” no que tange à inteligência é o mesmo método usado pelo juiz da Suprema Corte dos EUA, Potter Stewart, para identificar conteúdo pornográfico em um caso que se tornou bastante conhecido.¹⁵ Todos sabemos o que é intelligen-

cia, assim como sabemos o que é pornografia. Passar muito tempo tentando definir qualquer uma dessas coisas provavelmente causará algum desconforto, então a maioria das pessoas nem se dá ao trabalho.

Para que serve a inteligência?

No centro dessa discussão sobre inteligência, há uma crença inabalável de que ela, independentemente de como a definimos e o que seja de verdade, é uma coisa boa. Um ingrediente mágico que você pode polvilhar em um macaco velho e sem graça, um robô ou um alienígena e criar algo melhor. Mas devíamos mesmo ser tão confiantes quanto ao valor agregado da inteligência? Se a mente de Nietzsche tivesse sido mais como a do narval — se ele não tivesse sido inteligente o suficiente para ruminar sobre sua morte iminente —, sua loucura poderia ter sido mais branda ou nem mesmo existir. Isso não teria sido apenas melhor para ele, mas também para o restante de nós. Se Nietzsche tivesse nascido um narval, o mundo poderia nunca ter tido que suportar os horrores da Segunda Guerra Mundial ou do Holocausto — eventos que, mesmo sem intenção, Nietzsche ajudou a criar.

Após seu colapso mental, Nietzsche passou um ano no hospital psiquiátrico em Jena, na Alemanha, antes de retornar à sua casa de infância em Naumburg, sob os cuidados da mãe, Franziska. Ele permaneceu em um estado semicatônico e precisava de cuidados 24 horas por dia. Quando ela morreu, depois de sete anos de dedicação ao filho, a irmã de Nietzsche, Elisabeth, foi cuidar dele. Elisabeth sempre desejou a aprovação do irmão, mas Nietzsche passou a vida inteira a desprezando. Quando eram crianças, ele a apelidou de *Lhama*, supostamente

devido ao fato de as lhamas serem animais tão “estúpidos” e teimosos que, quando maltratados, se recusam a comer e “se deitam no chão para morrer”.¹⁶

Infelizmente para Nietzsche (e para o restante de nós), Elisabeth era uma nacionalista alemã de extrema-direita. Ela ajudou a estabelecer a cidade de Nueva Germania no Paraguai com seu marido, Bernhard Förster, em 1887. O objetivo era criar um exemplo reluzente de uma comunidade baseada na supremacia da raça ariana — uma nova Pátria. Förster era um eloquente antissemita que, certa vez, escreveu que os judeus eram “um parasita do corpo alemão”.¹⁷ No entanto, Nueva Germania rapidamente fracassou; os primeiros colonos arianos morreram de fome, malária e infecções por emeritas.¹⁸ As emeritas, ao que parece, são um parasita no real sentido da palavra que pode viver feliz no corpo antissemita.

Humilhado pelo fracasso da cidade, Bernhard tirou a própria vida, e Elisabeth voltou para a Alemanha, onde acabou cuidando de seu irmão, agora indefeso. Nietzsche não era antissemita e escreveu sobre o antissemitismo e o fascismo de maneira depreciativa.¹⁹ Mas ele não estava em condições de argumentar; quando ela chegou para cuidar dele, Nietzsche estava com o corpo parcialmente paralisado e a fala comprometida. Após sua morte, em agosto de 1900, Elisabeth assumiu controle total de sua propriedade e, usando de continuidade retroativa, modificou os trabalhos filosóficos do irmão para se adequar à sua ideologia supremacista branca.

Em uma tentativa de se tornar popular com o movimento fascista em ascensão na Alemanha, ela vasculhou os antigos cadernos de Nietzsche e publicou um livro póstumo intitulado *A Vontade de Poder*,²⁰ que promoveu entre seus amigos fascistas

como uma justificativa filosófica para suas ideologias beligerantes envolvendo a subjugação (e erradicação) das “raças mais fracas”. Apesar de precisar de um tutor na forma do famoso filósofo austríaco Rudolf Steiner para ajudá-la a entender as ideias do irmão, e embora o próprio Steiner tenha afirmado que “seu pensamento é vazio até mesmo da consistência menos lógica”²¹, Elisabeth teve grande sucesso em retratar o irmão como o precursor intelectual do movimento Nacional Socialista. No início da década de 1930, todos os membros do Partido Nazista já haviam feito uma peregrinação ao Arquivo Nietzsche em Weimar, criado por Elisabeth para promover as obras dele — algumas das quais falsificadas por ela.²² Quando Elisabeth morreu, em 1935, ela era tão popular no regime nazista que até Adolf Hitler compareceu a seu funeral.

Por todos os relatos, as ideias filosóficas de Nietzsche eram parte integrante da formação e do sucesso do Partido Nazista e ajudaram a justificar o Holocausto, aconselhando que as pessoas deveriam “expulsar os proclamadores do antissemitismo do país”,²⁴ embora Nietzsche desprezasse o antissemitismo e provavelmente odiasse os nazistas.²³ Tendo servido como médico na Guerra Franco-Prussiana, Nietzsche testemunhou sua parcela de brutalidade, e isso o afetou profundamente. Ele não era fã de violência. Certamente rejeitaria o tipo de violência patrocinada pelo Estado que movimentos políticos jingoístas, como o nazismo, empregavam. Embora alegasse “filosofar com um martelo”²⁵, Nietzsche era conhecido por ser um homem gentil e educado.²⁶ O que faz sentido. Lembre-se, é o mesmo cara que sofreu um colapso mental porque viu alguém batendo em um cavalo.

Isso ressalta a grande desvantagem da inteligência humana. Podemos usar, e muitas vezes usamos, nosso intelecto humano

para desvendar os segredos do universo e elaborar teorias filosóficas baseadas na fragilidade e na transitoriedade da vida. Mas também somos capazes de — e, de fato, muitas vezes o fazemos — empregar esses segredos para causar morte e destruição e distorcer essas filosofias a fim de justificar nossa selvageria. Junto com a compreensão de como o mundo foi construído vem o conhecimento para destruí-lo. Os seres humanos têm a capacidade de racionalizar o genocídio, assim como a competência tecnológica para realizá-lo. Elisabeth Følster-Nietzsche usou os escritos filosóficos do irmão — fruto de um espantoso intelecto humano — para validar uma visão de mundo que levou à morte de 6 milhões de judeus.²⁷ Nesse sentido, os humanos não são nem um pouco parecidos com os narvais. Narvais não constroem câmaras de gás.

O grande MacGuffin

A inteligência não é um fato biológico. Essa ideia de excepcionalismo intelectual ou comportamental humano não tem base científica. Simplesmente intuímos que a inteligência é real e boa, mas, quando olhamos para todas as maneiras pelas quais os animais não humanos conseguem sobreviver dia a dia neste planeta — as impressionantes soluções que eles criaram para resolver problemas ecológicos —, fica claro que nenhuma dessas crenças intuitivas resiste ao escrutínio. A inteligência é o grande MacGuffin — um conceito que temos perseguido no estudo da mente humana, de animais e de robôs que nos distraiu da realidade do mundo natural. Uma realidade em que a seleção natural nunca atuou sobre um traço biológico que podemos consolidar em um único conceito conhecido como *inteligência*. Uma reali-

dade em que nossos feitos intelectuais e tecnológicos — nascidos de uma mistura de traços cognitivos compartilhados por muitas outras espécies — não são tão importantes ou excepcionais quanto gostaríamos de acreditar. Uma realidade em que a Terra está repleta de espécies animais que encontraram soluções para desfrutar de uma vida boa de maneiras que envergonham a espécie humana.

Este livro fala sobre a inteligência e se ela é uma coisa boa ou ruim. Acho que a maioria de nós acredita que a inteligência, seja lá o que essa palavra signifique para você, é inerentemente boa. Sempre olhamos para o mundo — e o valor dos animais não humanos neste mundo — através do prisma dos atributos da inteligência humana. Mas e se acalmarmos essa voz que grita sobre o excepcionalismo de nossa espécie e, em vez disso, ouvirmos as histórias que outras espécies estão nos contando? E se reconhecermos que, às vezes, as supostas conquistas humanas são, na verdade, soluções irrelevantes do ponto de vista evolutivo? Isso viraria o mundo de cabeça para baixo. Faria com que animais supostamente menos inteligentes — como vacas, cavalos e narvais — parecessem gênios. De repente, haveria uma explosão de ideias belas e simples no reino animal, que encontrariam soluções elegantes para o problema da sobrevivência.

De que adianta a inteligência humana? Essa é uma pergunta que incomodou Nietzsche da mesma forma como me incomoda. Vamos ver se conseguimos responder a ela juntos.



A A T U O 1

Os Especialistas e P

Uma história de chapéus, apostas e traseiros de frango

Aos poucos o homem tornou-se um animal antinástico que precisa cumprir uma condição de existência a mais do que qualquer outro animal: o homem precisa acreditar saber de tempos em tempos por que ele existe.

AMOS STRA
IETSCHÉ

Mike McCaskill levou vinte anos para derrotar o mercado de ações. Mas, quando o fez, ah, cara, foi para valer!

Mike começou devagar, negociando ações de pequeno valor como hobby enquanto trabalhava na loja de móveis de seus pais.² Quando a loja fechou, em 2007, ele decidiu se dedicar a seu hobby em tempo integral. Vendeu o carro por US\$10 mil e depositou o dinheiro em sua conta na corretora de valores. Nos dois anos seguintes, um mercado volátil e a crise imobiliária do subprime fizeram com que o índice S&P 500 perdesse metade de

seu valor, o que deixou um day trader como Mike ainda mais empolgado. Ele se deleitou com a chance de desvendar o mistério sobre o futuro desse mercado. Ele previu que as ações não demorariam muito a subir após a eleição do presidente Obama, então pegou as centenas de milhares que havia ganhado com ativos de pequeno valor e investiu no mercado regular de ações.

Mas ele estava errado.

Quando Obama foi empossado, em 20 de janeiro de 2009, o índice Dow Jones continuou a despencar, atingindo seu ponto mais baixo, 6.594,44 pontos, em 5 de março durante a crise financeira. Foi uma queda de 50% do recorde histórico em outubro de 2007, de 14.164,43, e ficou a apenas 3% do recorde de queda que provocou a Grande Depressão em 1929. Isso foi terrível para Mike, sua carteira de negociação ficou totalmente arruinada.

Mas ele se recompôs, juntou algumas centenas de dólares e depositou na conta. Dessa vez, no entanto, ele mudaria a estratégia de sua carteira para lucrar mesmo quando o mercado estivesse *perdendo* dinheiro. Em outras palavras, ele faria vendas a descoberto — uma estratégia extremamente arriscada, em que pegaria ações emprestadas e as venderia com a promessa de comprá-las de volta mais tarde para devolvê-las ao credor. Se o preço das ações caísse, ele ganharia dinheiro na recompra, mas, se o preço subisse, ele seria forçado a pagar o valor atual das ações ao comprá-las de volta e a arcar com o prejuízo. Esse é o truque que investidores como Michael Burry e Mark Baum usaram para apostar contra o mercado imobiliário em 2007, como apresentado no filme *A Grande Aposta*. Na época, o mercado imobiliário era considerado uma das apostas mais seguras do sistema financeiro norte-americano, então era arriscado e, apa-

rentemente, uma tolice apostar que o mercado perderia valor. Agora sabemos que a previsão deles estava certa, e eles ganharam uma bolada com isso. A previsão de Mike, no entanto, acabou indo por água abaixo. Os US\$700 bilhões que o governo dos EUA injetou na economia por meio do Troubled Asset Relief Program começaram a funcionar. No início de abril, o mercado se recuperou, e Mike, que apostou no colapso do mercado, perdeu tudo. Outra vez.

Frustrado, ele parou de operar day trade em tempo integral e passou os dez anos seguintes trabalhando no King Louie's Sports Complex em Louisville, Kentucky, e acabou se tornando o diretor dos programas de vôlei e de golfe. Ele ainda investia em ações, apostando no longo prazo, o que poderia deixá-lo milionário. Foi quando se deparou com as ações da GameStop.

Era o verão de 2020, e a empresa estava passando por dificuldades: uma loja física de videogames tentando sobreviver em um mercado dominado pelo varejo digital. Quase ninguém vai a um shopping garimpar produtos em uma loja como a GameStop. As pessoas compram na Amazon ou baixam os jogos diretamente para o PlayStation. Michael Pachter, um analista de videogame e mídia digital e eletrônica da Wedbush Securities, descreveu a GameStop como um cubo de gelo derretendo. “Certamente a empresa acabará evaporando”, declarou ele à *Business Insider* em janeiro de 2020, estimando que a empresa fecharia as portas dentro de uma década.³ Andrew Left, um investidor arrojado da Citron Research, especializado em vendas a descoberto, descreveu a GameStop como “um fracassado varejista baseado em shopping” que estava “afundando”⁴, e é por isso que ele e muitos outros investidores começaram a vender suas ações em grandes quantidades. Assim como Mike, em 2009, e o pequeno grupo